

# **A imagem da mulher no romance afro-brasileiro contemporâneo: Os casos de Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves**

## **The image of woman in the afro-brazilian contemporary novels: The cases of Conceição Evaristo and Ana Maria Gonçalves**

**Volker JAECKEL**

**Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**

**RESUMO:** Na presente comunicação abordaremos as obras de duas autoras contemporâneas de Minas Gerais, que tratam nos seus romances de épocas de rupturas, revoluções e transformações, no que se refere ao papel da mulher negra no Brasil. Trata-se de *Becos de Memória* (2006) e *Ponciá Vicêncio* (2003) de Conceição Evaristo, assim como, do romance histórico *Um defeito de cor* (2006) de Ana Maria Gonçalves. As duas autoras pertencem a uma geração de escritoras que apresenta aos seus leitores discursos sobre protagonistas femininas que sofreram durante um período de sua vida marginalização, perseguição, discriminação e opressão pela sociedade brasileira, por causa de sua origem étnica e social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance afro-brasileiro, literatura de memória, história da mulher negra,

**ABSTRACT:** In this Communication we analyze the works of two contemporary authors of Minas Gerais, speaking in her novels about break times, revolutions and transformations, with regard to the role of black women in Brazil. *Becos de memória* (2006) and *Ponciá Vicêncio* (2003) by Conceição Evaristo, as well as the historical novel *Um defeito de cor* (2006) by Ana Maria Gonçalves. The two authors belong to a generation of writers who presents to the readers his speeches about female protagonists who have suffered over a period of his life marginalization, persecution, discrimination and oppression by Brazilian society because of their ethnic and social origin.

**KEYWORDS:** Afro-brazilian novels, literature of memory, history of black women

### **1.Introdução**

O mundo de experiências das mulheres afro-brasileiras sejam elas escravas, empregadas domésticas ou moradoras de favela, é marcado por desilusão, decepção e desigualdade, esta “**escrevivência**” constitui a ambientação das narrações, nas quais a vida difícil de mulheres negras desamparadas no passado e no presente é retratada com riqueza de detalhes.

Embora as figuras protagonistas dos três romances apresentados aqui viveram em tempos diferentes e em condições muito distintas, podemos perceber as diversas semelhanças entre os relatos. O caráter paradigmático deste tipo de literatura de memória pode ser destacado, como a própria Conceição Evaristo escreve: “a literatura

negra é um lugar de memória”. Trata-se aqui, de uma contribuição para reconsiderar o papel da mulher negra no Brasil, a quem muitas vezes é atribuída funções de servir, cozinhar, dançar e cantar, porém não de transcrever as memórias que recuperam estórias de amor, afeto e compaixão (Fonseca 2006: 266).

## 2. Conceito de literatura afro-brasileira e literatura negra

Em primeiro lugar precisamos efetuar uma aproximação ao conceito de literatura afro-brasileira e apresentar um breve histórico da mesma. Certamente, existe literatura afro-brasileira desde o século XVIII, porém, desde a década dos anos 80 do século XX os escritores assumem o seu pertencimento a uma etnicidade afrodescendente e ganham visibilidade em concomitância com as crescentes demandas do movimento negro e ocupam um espaço nas cenas culturais e acadêmicas.

O termo afro-brasileiro teria a função de diluir o sentido político de afirmar uma identidade contida na palavra negra e abrange a gama de variações inerentes à mestiçagem. O termo também é fruto de um processo de hibridização étnica e linguística, religiosa e cultural que o Brasil presenciou desde a chegada dos primeiros africanos no século XVI. Obviamente, não existe no Brasil uma literatura 100% negra por causa da sua história da miscigenação das raças e por outros motivos.

Eduardo Assis Duarte vê

...no conceito de literatura afro-brasileira uma formulação mais elástica (e mais produtiva), a abarcar tanto a assunção explícita de um sujeito étnico ... quanto o dissimulado lugar- que se faz presente numa série que vai de Luiz de Gama a Cuti , passando pelo “negro ou mulato, como queiram”, de Lima Barreto –, quanto o dissimulado lugar de enunciação que abriga Caldas Barbosa, Machado, Firmina, Cruz e Sousa, Patrocínio, Paula Brito, Gonçalves Crespo e tantos mais (DUARTE, 2010: 121).

Além da consciência e da atitude do autor, o tema do romance é determinante para o pertencimento de um texto à literatura afro-brasileira. Aqui podemos encontrar elementos do resgate da história do povo negro no Brasil, a denúncia da escravidão e de suas consequências ou trabalhos que se ocupam das tradições culturais ou religiosas, incluindo aqueles que destacam um herói ou uma rebelião de escravos como no caso de Zumbi dos Palmares. Romances afro-brasileiros atuais, também abarcam o tema da discriminação racial, da exclusão dos negros ou da violência contra eles.

A questão da autoria na literatura afro-brasileira é essencial, já que se trata aqui de um compromisso identitário. Em alguns casos, os autores pretendem articular-se como vozes ou consciência de um grupo étnico, conforme a tradição africana dos *Griots*.<sup>1</sup> Por outro lado, existe uma produção motivada por um impulso autobiográfico que liga a ficção e a poesia com o testemunho, tendo como representantes conhecidos Cruz e Sousa, Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus.

No nosso estudo será também relevante investigar a interligação entre escritura e experiência no caso de Conceição Evaristo que explica o caráter documental da sua obra, já que reivindica para os seus textos o estatuto de **escrevivência**: “na origem da minha escrita, ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas, contando em voz alta umas para as outras as suas mazelas, assim como suas alegrias.” (EVARISTO, 2007: 19).

Além da temática e da autoria são o ponto de vista, a linguagem e o público, os fatores que condicionam a existência da literatura afro-brasileira e o seu alcance hoje. O ponto de vista dos autores afro-brasileiros é marcado pelo discurso da diferença, pela alteridade, que objetivam adotar uma visão de mundo própria e distinta do branco. Trata-se também, de uma maneira de superar tanto os modelos culturais trazidos da Europa, como a assimilação cultural imposta pelo colonizador português.

No que se refere à linguagem, o discurso afrodescendente procura efetuar uma ruptura com a fala e a escrita ditadas pelo mundo branco, objetivando uma nova ordem simbólica que se livra dos conceitos pejorativos sobre o mundo do negro. Trata-se de uma literatura que pretende segundo Duarte Assis, ser “não apenas a expressão dos afrodescendentes enquanto agentes de cultura e de arte, mas que aponta o etnocentrismo que os exclui do mundo das letras e da própria civilização. Daí seu caráter muitas vezes marginal, porque fundado na diferença...” (DUARTE, 2011: 400)

---

<sup>1</sup> Griots são os indivíduos que tinham o compromisso de preservar e transmitir histórias, fatos históricos e os conhecimentos e as canções de seu povo. Existem os *griots* músicos e os *griots* contadores de histórias. Eles ensinavam a arte, o conhecimento de plantas, tradições, histórias e davam conselhos aos jovens príncipes. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Griot>

## 2. Trajetória e importância de algumas autoras afro-brasileiras

Já nos séculos XVIII e XIX, encontramos mulheres que vencem as barreiras impostas pela sociedade às pessoas de cor do sexo frágil e conseguem se articular como escritoras e publicar. Cabe mencionar aqui, Rosa Maria Egípcia de Vera Cruz que chegou ainda criança em 1725, à cidade do Rio de Janeiro, e também Teresa Margarida da Silva e Orta que publicou em 1752 suas *Máximas de virtude e formosura*.

O caso mais famoso é o da maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917) que conseguiu ser aprovada em concurso público para cargo de ensino primário, fato inédito naquela época e conquista incomensurável para uma mulher de origem humilde, mulata e bastarda. Em 1859, ela publica o romance *Úrsula* sendo este o primeiro romance abolicionista escrito no Brasil e em 1887 o conto *A Escrava*. Ela é a primeira autora que dá voz aos negros escravos e confronta o leitor com uma África diferente, um lugar de liberdade.

Outra autora negra brasileira de destaque foi Carolina Maria de Jesus que é mencionada pelas duas autoras aqui em questão como influência literária. Ela nasceu em 1914 em Sacramento (MG) como filha de dois lavradores e viveu muito tempo em favelas em São Paulo, onde trabalhou como doméstica e criou três filhos. Foi conhecida pela publicação das suas memórias sob o título *Quarto de despejo* em 1960, seguido de *Casa de Alvenaria* em 1961, *Pedaços de fome* em 1963 e outros títulos. Trabalhou o resto de sua vida como catadora de papel. Com a sua obra, contribuiu para a formação de uma consciência das condições miseráveis de vida nas favelas das grandes cidades brasileiras no Brasil e no exterior.

## 3. A vida das duas autoras

Conceição Evaristo nasceu em 1946, em Belo Horizonte, na Favela Pindura Saia<sup>2</sup> na zona sul da cidade, numa área conhecida como alto da Avenida Afonso Pena, onde passou a sua infância em condições precárias dividindo o mesmo espaço com nove

---

<sup>2</sup> A origem do nome da Favela Pindura Saia relaciona-se com a grande quantidade de lavadeiras que moravam naquela favela, sendo comum a imagem de varais com roupas a secar. Uma mulher que mora há 50 anos na Vila Pindura Saia disse que sua tia contava ter o nome originado de uma briga entre duas mulheres, onde no meio da confusão, uma delas arrancou a saia que acabou pendurada numa cerca de arame.

irmãos. Mais tarde, a família foi obrigada a se mover da favela por causa de obras do governo estadual.<sup>3</sup>

Trabalhava como empregada doméstica para as famílias tradicionais de Belo Horizonte e estudava o curso normal que terminou aos 25 anos. Com muito esforço consegue se mudar para o Rio de Janeiro, onde ela foi aprovada em concurso público para ingressar no magistério. Devido à sua paixão pela literatura, começa a cursar letras, área na qual fez Mestrado e Doutorado. A partir dos anos 80, participa em movimentos sociais que lutam por mais direitos para os afrodescendentes e uma maior difusão da cultura. Ela publicou contribuições nos Cadernos Negros, dois romances com bastante sucesso, coleção de contos e poesias. Em 2015 foi publicado a coleção de contos *Olhos D'água* que ficou em terceiro lugar do prêmio Jabuti na categoria contos e crônicas.

Ana Maria Gonçalves nasceu em 1970, em Ibiá (MG). Trabalhou em São Paulo, como publicitária, uma profissão que abandonou em 2002 para morar na ilha de Itaparica, onde começou a escrever seus romances. Publicou *Ao lado e à margem do que sentes por mim* em 2002 e *Um defeito de cor* em 2006 que recebeu o Prêmio *Casa de las Américas* na categoria de literatura brasileira em 2007. Mais tarde, fixa residência em Nova Orleans, e hoje, mora em Salvador.

#### **4. *Um defeito de cor* (2006)**

Trata-se de um romance de 952 páginas da escritora mineira que teve um grande impacto na crítica e na recepção em geral. Narra-se a história da escrava Kehinde inspirada na vida de Luisa Mahin que nasceu em Daomé e foi capturada como escrava aos oito anos de idade.

*Um defeito de cor* se inicia com um artifício literário conhecido, apresentando ao leitor o texto como fruto de uma descoberta casual, neste caso durante uma visita à Ilha de Itaparica na Bahia, quando a autora descobre um conjunto de cartas escritas pela escrava Kehinde dirigidas a seu filho desaparecido, o poeta e advogado Luís Gama.

---

<sup>3</sup> A favela Pindura Saia, existente na área desde os anos trinta, tinha que ceder nos anos setenta ao projeto urbanístico de construção de casas e do mercado do Cruzeiro numa área nobre de Belo Horizonte sob o vigor da Política de Erradicação de Favelas executada pelo órgão municipal CHISBEL (Companhia de Habitação e Interesse Social de Belo Horizonte). Hoje permanecem ainda três vilas na área: A Vila Santa Isabel com 139 moradores, A Vila FUMEC com 72 pessoas e a Vila Pindura Saia com 153 pessoas.

No prólogo, a autora usa o artifício de deixar em aberto a questão da autenticidade das cartas encontradas e se manifesta desta forma:

E é bom que a dúvida prevaleça até que, pelo estudo do manuscrito, todas as possibilidades sejam descartadas ou confirmadas, levando-se em conta o grande número de coincidências, como nomes, datas e situações. Torço para que seja verdade, para que seja ela própria a pessoa que viveu e relatou quase tudo o que você vai ler neste livro (GONÇALVES 2006: 17).

As cartas reescritas e completadas pela autora retratam a vida dessa escrava que participa também em importantes acontecimentos na Bahia como a Revolta dos Malês em 1835.<sup>4</sup> Utilizando este artifício narrativo, a autora dá mais força à voz da própria narradora protagonista que conta os fatos em primeira pessoa e cuja trajetória pode ser considerada um exemplo para a história típica dos negros no Brasil desde o seu desembarque até a vida cotidiana nas senzalas.

Segundo a pesquisadora de literatura comparada Zilá Bernd, podemos distinguir três características entre as autoras afro-brasileiras da atualidade:

1. Elas rastreiam os guardados da memória dos seus antepassados;
2. Elas fazem uma "construção identitária procurando as origens, das suas raízes culturais, que não negligencia os rastros deixados pela palavra materna e projeta-se no respeito à alteridade e no reconhecimento da diversidade da nação brasileira" (BERND, 2012: 31).
3. Trata-se do resgate da memória transatlântica.

A obra de Ana Maria Gonçalves atende os três pressupostos, já que ela resgata os saberes e vozes dos seus ancestrais e consegue tecer uma narrativa, na qual história, memória e mito se encontram. Ela funde elementos da memória histórica e da memória familiar conseguindo uma reapropriação do passado incluindo atos e elementos vergonhosos e humilhantes. A autora através da voz de Kehinde rememora "...os atos de bravura e heroísmo ocorridos durante as rebeliões de escravos, outro tabu de nossa historiografia, que tratou de construir o mito da docilidade do escravo africano e de sua aceitação da escravidão..." (BERND, 2012: 33). A resistência negra contra a escravidão é um fato silenciado e durante muito tempo esquecido, já desde o início da época

---

<sup>4</sup> Sobre os motivos da revolta dos Malês veja o artigo de João José Reis: "O sonho da Bahia muçulmana", disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/dossie-imigracao-italiana/o-sonho-da-bahia-muculmana>, acesso em: 23/01/2016

colonial do Brasil foi fomentado a imagem do africano trabalhador e submisso às ordens do colonizador ao contrário do índio resistente à escravidão.

O romance histórico *Um defeito de cor* explora a riqueza cultural trazida pelos africanos ao continente americano em forma de canções, rituais religiosos, crenças, costumes e provérbios que introduzem cada um dos dez capítulos que dividem o romance. Ao mesmo tempo, trata-se de um texto narrativo que ensina sobre a identidade dos escravos negros que no momento da chegada ao Brasil são obrigados a se desfazer dela com a imposição da religião católica e mais tarde, conseguem aos poucos em contato com outros africanos uma reapropriação dela. Luisa (Kehinde) atravessa todo este processo até se transformar numa escrava de ganho que mais tarde consegue a sua própria alforria. A sua trajetória é sintomática pelo destino de muitos escravos e ao mesmo singular, já que ela consegue ser alfabetizada junto à filha dos senhores de engenho e ainda aprende língua estrangeira dos patrões ingleses, em cuja casa também aprende a fazer *cookies*. Todos estes elementos indicam uma travessia no espaço e no tempo, um processo de mestiçagem cultural que leva a uma transculturação da personagem principal do romance. A partir destas experiências da sua vida Luisa chega às reflexões sobre identidade que encontramos em alguns momentos-chaves do livro: "Na minha convivência com os brancos e os mulatos vi que nem todos eram maus, que existiam os de bom coração e até mesmo os que eram contra a escravatura, más não haveria como separar uns dos outros" (GONÇALVES, 2006: 503).

Um momento-chave no livro é a histórica Revolta dos Malês, embora a participação de Luísa receba menos destaque do que o seu papel de mãe de dois filhos. A escrava alforriada faz parte desta rebelião de resistência contra a escravidão que foi mal sucedida por várias traições. A partir deste momento, as perseguições dos negros em Salvador alcançam uma dimensão de caça de bruxas, da qual a própria Kehinde é vítima. Muitos escravos temem a deportação por navio para as terras da África. Ela se torna uma figura exemplar para as mulheres negras com a sua luta pela igualdade racial.

A literatura de uma autora como Ana Maria Gonçalves assume a tarefa de decifrar os rastros e vestígios dos antepassados afrodescendentes, sempre mesclando o racional, o sensível e o imaginário coletivo e simbólico para configurar um retrato do cenário multicultural e multirracial do século XIX. A escrita da autora insurge-se contra a tendência dos regimes autoritários de apagar os vestígios dos crimes cometidos

(BERND, 2012: 40). Sem dúvida alguma, a escravatura da época colonial e imperial é um dos crimes mais abomináveis contra a humanidade que conhecemos na história do Brasil.

A tragédia dos escravos africanos tem o seu início nas inumanas condições de viagem no navio negreiro, do qual já temos conhecimento através das poesias de Heinrich Heine e Castro Alves.<sup>5</sup> Na voz de Ana Maria Gonçalves, o porão do navio é descrito como um espaço muito apertado, onde a carga humana sofre inúmeras crueldades e humilhações:

Durante dois ou três dias, não dava para saber ao certo, a portinhola no teto não foi aberta, ninguém desceu ao porão e estava quase impossível respirar. Algumas pessoas se queixavam da falta de ar e do calor, mas o que realmente incomodava era o cheiro de urina e fezes. A Tanisha descobriu que se nos deitássemos de bruços e empurrássemos o corpo um pouco para a frente, poderíamos respirar o cheiro da madeirado casco do tumbeiro. (GONÇALVES, 2006: 48).

Os abusos e violências contra os escravos são a normalidade nas fazendas e engenhos da Ilha de Itaparica, aonde é levada Kehinde, depois de perder a irmã e a avó durante a viagem até a Bahia de Todos os Santos. O texto de Ana Maria Gonçalves é uma acusação constante dos crimes cometidos pelos donos brancos dos escravos e pelas autoridades no Brasil colonial e pós-colonial. A literatura pode também ter a responsabilidade de influenciar na formação de uma consciência negra segundo a autora, e ela reconstrói através de pesquisas as desgraças e os horrores do passado que o negro viveu, sendo tratado como animal ou como mercadoria. E as negras escravas ainda sofreram mais os abusos sexuais dos senhores do engenho. As histórias do romance são contadas a partir "da visão de personagens, sejam elas reais ou ficcionais. Dessa forma, a autora contribui para fortalecer a noção da existência de uma identidade negra que se manifestava naquela época, mas que somente agora se tornou objeto de discussão" (ROCHA 2011: 59).

O romance é composto por dez capítulos sem títulos, iniciados com provérbios africanos que lhes servem de epígrafe. Cada um destes capítulos é formado por diversas histórias narradas que soma um total de trezentos e trinta e quatro fragmentos, cada um com um breve título. Os dez capítulos são precedidos por epígrafes que correspondem a

---

<sup>5</sup> Hoje sabemos que, curiosamente *Das Sklavenschiff* (1853) do autor alemão Heinrich Heine influenciou o texto *Navio Nегreiro* (1868) do poeta baiano Castro Alves, como foi documentado em vários artigos e também em uma monografia, defendida na UFRJ.



situações, nas quais a violência afeta a vida da personagem principal Kehinde e dos seus entes queridos. São provérbios de origem africana que fazem referência aos cultos e crenças populares, e contêm sempre uma sabedoria que ajuda na vida. Embora tratando da trajetória de uma africana trazida ao Brasil, a trama não abusa de cenas descritivas de violência explícita, senão com maior frequência ocorre a violência simbólica.

A violência usada nas páginas de *Um defeito de cor* não é a mesma que aparece nas narrativas de Paulo Lins, Ferréz ou Fernando Bonassi, já que a voz feminina empresta sua poética à crueldade atemporal que continua atingindo os negros como alvos predestinados. Porém, existe um fragmento muito chocante, no qual a escrava Kehinde conhece a violência perpetrada pelo senhor do engenho em forma de estupro contra ela e contra o seu noivo, o escravo que tentou protegê-la e é capado por um castrador de porcos (GONÇALVES, 2006: 168-172). Desta forma se manifesta a posse do senhor sobre os escravos, já que ele tem o direito da primeira noite com as escravas virgens. Kehinde engravida deste estupro do primeiro filho, o Banjokô, e este filho possibilita a ela ter um tratamento diferenciado no engenho. Desta forma, a desgraça da violência sexual sofrida, por mais paradoxo que seja, abre caminhos a uma formação próxima à Casa Grande da jovem escrava.

As reflexões da própria Kehinde articuladas nas supostas cartas dirigidas ao filho expressam os sentimentos de injustiça e impotência que experimenta ainda como negra alforriada quando se tem que refugiar na Ilha de Itaparica fugindo das perseguições em Salvador:

O que me acompanhava era uma enorme sensação de derrota e cansaço, pois aquela fuga não era justo, principalmente os brancos irem até a África nos separar das nossas famílias para depois não nos quererem mais, desejando nos ver longe, de volta a um lugar do qual nem nos lembrávamos direito. Livres, nós já não servíamos para mais nada, a não ser, no entender deles, atrapalhar os negócios ou tirar o sustento dos legítimos brasileiros, fossem eles pretos ou brancos, mas quase sempre preguiçosos, que viam o trabalho como digno apenas de escravos (GONÇALVES, 2006: 570).

Desta forma, é chamada a atenção do leitor sobre o triste destino dos escravos que depois de muitos esforços e trabalho, ganharam a sua liberdade através da tão desejada "Carta de Alforria", pela qual Kehinde na condição de escrava, de ganho lutou durante tanto tempo. Mesmo libertos, os escravos ainda são considerados um perigo, um

estorvo para a sociedade brasileira daquela época e não podem contar com a proteção de ninguém, já que não tem mais dono e são considerados potenciais rebeldes.

## **5. *Ponciá Vicêncio* (2003)**

Trata-se do primeiro romance de Conceição Evaristo, no qual também encontramos "cenas primordiais" de violência contra a mulher negra. O livro foi indicado ao vestibular da UFMG em 2008 e também publicado em inglês. A obra conta os problemas da vida diária de mulheres afro-brasileiras sob um ponto de vista feminino num contexto atual.

O livro traça a trajetória de uma mulher negra, a protagonista que dá o nome ao livro, ao longo da sua vida desde a infância. Ela mora com a mãe em Vila Vicêncio, lugar fictício no interior de Minas Gerais, onde existe uma população considerável de descendentes de escravos. Seu pai e seu irmão trabalham na lavoura para a família Vicêncio tem a posse das terras, onde todos trabalham e vivem dando o sobrenome às pessoas. Mais tarde, ela muda para a capital com a intenção de começar uma vida nova.

A simplicidade, a desorganização e a falta de condições de vida na grande cidade se deixam sentir pelas observações da protagonista do cômodo na favela, onde ela mora:

Ponciá Vicêncio correu vagarosamente os olhos pelo cômodo onde moravam. O pó avolumava-se por cima do armário velho. Pelos caibros do telhado acumulavam-se teias de aranhas e picumãs. As trouxas de roupas sujas cresciam dias e dias pelos cantinhos do quarto. As folhas de jornal, que forravam prateleiras do armário, já estavam amareladas pelo tempo e roídas nas pontas pelos ratos e baratas. Toda noite ela contemplava o desleixo da casa, a falta de asseio que a incomodava tanto, mas faltava-lhe coragem para mudar aquela ambiência (EVARISTO, 2003: 22).

A sua migração do interior para a capital é dura e cruel, comparável àquela dos ancestrais que chegaram da África na costa brasileira na época da escravidão, e a falta de perspectiva de um futuro melhor deixa a moça ficar inerte e frustrada, no que se refere às iniciativas para mudar o seu destino.

O romance de Conceição Evaristo está dividido por retrospectivas narradas por um narrador em terceira pessoa, num discurso indireto livre que fala dos trabalhos de

artesanato que mãe e filha desenvolvem. O avô, ainda sendo escravo, por repúdio à escravidão, mata a esposa e se mutila no braço.

Depois da perda do pai, Ponciá decide partir para a capital à procura de uma vida melhor. Ela chega neste lugar desconhecido, perdida, sem referências e sem ter abrigo. Mais tarde, ela consegue um emprego como doméstica, junta dinheiro para adquirir um barraco com a intenção de trazer a mãe e o irmão para eles viverem juntos, porém, quando ela volta à vila, não encontra ninguém. Ela se apaixona e torna-se companheira de um homem que conheceu na favela, no entanto, sofre com as agressões físicas cometidas por seu companheiro. Sofre com a ausência dos familiares e com os sete abortos. O desfecho do livro se dá no momento do retorno à cidade natal quando a protagonista se reencontra com a família e consigo mesma no cumprimento do seu destino. *Ponciá Vicêncio* é um romance de formação (*Bildungsroman*), porque acompanha a procura da protagonista ao longo de sua vida, tratando-se ao mesmo tempo de uma busca individual e coletiva.

Essa errância de Ponciá vai se confirmar durante todo o romance como uma importante metáfora da diáspora que nos remete diretamente à história dos ancestrais dela e se constitui um recurso estilístico que parodia a literatura canônica, especialmente o significado da procura nos tradicionais romances ou mesmo nas antigas estórias romanescas. Afinal, nessas histórias, temos a viagem como um topos importante na construção do caráter dos heróis (ARRUDA s/d).

*Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Johann Wolfgang von Goethe, é o famoso modelo exemplar na literatura mundial com a saída do protagonista procurando o próprio aprendizado e o amadurecimento deixando a sua família e cidade natal pra trás. No caso de Ponciá, o abandono do lar, da família se dá em busca de melhores condições de vida na cidade grande, mas estas expectativas não se cumprem e ela fica vivendo sem rumo numa favela, sem raízes ao lado de um marido que não consegue compreender as suas atitudes.

Os sonhos da descendente de escravos africanos são apagados pela discriminação e marginalização que ela como tantos outros negros sofrem na vida diária. Sua condição social, apesar da mudança para o espaço urbano, continua sendo marcada pela origem africana. Neste sentido, o deslocamento é comparável ao de Kehinde, de *Um defeito de cor*, a protagonista permanece numa "diáspora interna",

provocado pela viagem dentro do Brasil em procura de uma vida melhor que fazem tantos brasileiros que nasceram numa camada sem privilégios e sem condições de garantir uma vida digna (ARRUDA, 2009: 48).

Quando Ponciá viaja pela primeira vez para a cidade, ela acredita firmemente encontrar uma vida melhor. O próprio narrador reflete sobre a perda de raízes da mulher que associa diretamente à escravidão quando disse:

Há tempos e tempos, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos, que alegavam ser presente de libertação. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. (...) O tempo passava e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela “Lei Áurea”, os seus filhos, nascidos do “Ventre Livre” e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno (EVARISTO 2003: 48)

Neste momento, acontece uma alteração na voz do narrador que expressa aqui claramente a sua indignação para tocar com esta sua denuncia o leitor. A memória coletiva dos ascendentes de Ponciá parece permanecer viva nas entranhas desta mulher negra. As mudanças e transformações que acontecem na sua vida não aniquilam a origem.

Os orixás têm uma importante presença na literatura afro-brasileira<sup>6</sup> e esta também se manifesta no romance de Conceição Evaristo. Ao longo da narração, nos deparamos com as marcas e rastros destas entidades da mitologia africana. Principalmente, existem alusões a três orixás: Oxumaré, Oxum e Nanã. Este orixá é caracterizado como metade masculina e metade feminina, uma serpente que morde a própria cauda, possuindo ainda outra simbologia: a da continuidade da vida, o movimento cíclico, o ir e vir, nascer e renascer, ciclos que estão representados na vida de Ponciá como menina, moça e mulher (ARRUDA, 2009: 79-80). Oxumaré é filho de Nanã, senhora das águas doces e dona das lamas que existem no fundo dos lagos que pode ser identificada pela simbologia do barro tão presente em *Ponciá Vicêncio* desde a capa do livro, na qual aparece uma moça modelando argila com as mãos e a

---

<sup>6</sup> Veja neste contexto também vários romances de Jorge Amado como *Os pastores da noite*, *Jubiabá*, *Mar morto*, *Tenda dos milagres* e os respectivos estudos deste aspecto.

protagonista do romance produz uma variedade de artesanato feito deste material junto com a sua mãe.

O barro conta as histórias destas famílias negras e faz parte da sua memória, já que Ponciá forma com o barro a figura do avô com muita perfeição. A arte tem um forte significado ao longo do romance até o seu final, o que é uma das características de alguns romances de formação.<sup>7</sup>

## **6. *Becos de memória* (2006)**

No mesmo ano da publicação de *Um defeito de cor*, a escritora mineira Conceição Evaristo publica este romance (já escrito em 1986), no qual descreve os sofrimentos e as resistências da vida cotidiana numa favela em Belo Horizonte, neste caso contra a demolição. A favela não tem nome, nem localização geográfica exata, ela é símbolo da encarnação de uma senzala moderna. Os seus moradores sentem a qualquer momento a precariedade e as restrições impostas pela vida na beira da miséria. A falta de higiene, de alimentação, de privacidade, de lazer, de diversão, de bens de consumo básicos.

Trata-se de um romance coletivo, marcado por um grande número de personagens e histórias, que são contadas paralelamente, não tem um protagonista senão vozes, gestos e ações de muitos.

A autora utiliza a linguagem para retratar fielmente a vida miserável dos moradores predominantemente negros nos becos da favela, uma vida marcada pela desigualdade, falta de instrução, precariedade econômica e a ameaça de serem despejados do lugar a qualquer momento. Tanto a personagem principal Maria Nova como a autora, sentiam na pele a exploração da mulher negra, abandonada à própria sorte depois da abolição da escravatura em 1888 e, portanto, o romance constitui de certa forma uma continuação do livro de Ana Maria Gonçalves. Numa cena chave, Maria-Nova está em sala de aula, estudando e se interessa da "Libertação dos Escravos" através das palavras da professora e pelo texto do livro, chegando a refletir:

Tinha para contar sobre uma senzala que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. A

---

<sup>7</sup> Talvez uma alusão a vida da própria escritora Conceição Evaristo

professora pediu ela explicasse melhor, que contasse em mais detalhes. Maria Nova (...) fitou a única colega negra da sala e lá estava a Maria Esmeralda entregue à apatia. Tentou falar. Tentou falar. Eram muitas as histórias, nascidas de uma outra História que trazia vários fatos encadeados, conseqüentes. apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço. Pensou em Tio Totó. Isto era o que a professora chamava de homem livre? (EVARISTO, 2013: 209-210).

É um romance que traduz a experiência vivida pela autora para uma linguagem "que desliza fácil da prosa para a poesia e que descobre o sublime por entre as vielas de um cotidiano opressivo" (CUNHA CAMPOS/DUARTE 2011: 211). Se misturem e confundem as esferas do individual e do coletivo, o que seria um dos traços mais marcantes da literatura afro-brasileira. Os direitos de usucapião dos moradores da favela são ignorados para dar lugar a um progresso em benefícios das camadas mais abastadas.

São narradas as histórias de meninos de rua, mendigos, desempregados, prostitutas e vadios para traçar as características de uma camada social que se relacionam com o outro lado da esfera social, composta por empresários, senhoras de posses, policiais, políticos e funcionários do governo. Ao mesmo tempo, o romance é marcado "por uma intensa dramaticidade, o que desvela o intuito de transpor para a literatura toda a tensão inerente ao cotidiano dos que estão permanentemente submetidos à violência em suas diversas modalidades" (OLIVEIRA, 2009: 621).

A figura Maria Nova pode ser considerada o Alter Ego da escritora Conceição Evaristo que ajuda a estabelecer uma relação entre o leitor e o espaço autoficcional. A prosa da autora se preocupa da mesma forma com o universo humano como também com a história particular ou individual. Trata-se de um livro de índole tanto biográfico como memorialístico que a autora chama de **escrevivência**, escrita negra no Brasil. Observamos estratégias de elaboração do passado da autora e de Maria Nova. A obra é construída por rastros dos três elementos formadores da **escrevivência**: corpo, condição e experiência (OLIVEIRA, 2009: 622).

Os textos da protagonista Maria-Nova e da autora Conceição Evaristo têm em comum a missão de inventar um futuro diferente e mais promissor para si e para a comunidade através da escrita: "Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova, um dia, escreveria a fala de seu povo" (EVARISTO, 2013: 247).

A fase da desocupação da favela de Pindura Saia, no alto da Avenida Afonso Pena em Belo Horizonte, ocupa um lugar de destaque no romance, já os moradores têm que aprender com o medo de serem tirados da sua casa, do ambiente ao qual estão acostumados para serem lançados a um futuro de muitas mudanças e incertezas. Numa fala muito expressiva e figurativa a autora descreve a ação das máquinas enviadas pelos órgãos municipais:

O Buracão parecia mais feroz ainda. Antes quando ele tinha barracos pendurados ao redor, a sua boca parecia um pouco menor. Agora os barracos já haviam desaparecidos e as famílias também. O bicho pesadão havia aplainado toda a área ao redor do Buracão. Às vezes, vinha tão próximo que dava a impressão de que despencaria pelo precipício abaixo (Evaristo, 2013: 211).

Desta forma, a escritora mineira indica que se pode comparar a vida dos escravos afrodescendentes no passado do século XIX com as vidas dos moradores de favela na periferia das grandes urbes brasileiras no final do século XX.

*Becos de Memória* mostra vidas miseráveis, minadas pela carência de melhores condições de vida, porém com gestos de ternura e brandura. O romance recupera a memória de pessoas expostas à extrema pobreza. Como afirma Soares Fonseca no posfácio do romance:

Escrever é a ferramenta utilizada para recompor o vasto painel de lembranças calcadas na "experiência de pobreza", vivida por quem soube observar, com olhos atentos e condoídos, os becos de uma comunidade favelada e os seus habitantes: bêbados, putas, malandros, muitas crianças vadias e mulheres sofridas. A menina de olhar atento retém as imagens que, mais tarde, já como mulher irão compor o plano no qual as vidas subterrâneas emergem para expor a sua experiência (Fonseca, 2013: 260).

## **Conclusões**

Os três romances analisados neste contexto enfocam as condições da mulher negra no Brasil. À primeira vista, são textos bem diferentes pela linguagem, a perspectiva dos narradores, o tempo narrado, diferenças no espaço e no tempo, personagens, densidade das obras, assim como outros elementos. De certa forma, podemos observar alguns pontos em comum entre a obra de Ana Maria Gonçalves e Conceição Evaristo e uma continuidade, no que se refere à situação da mulher negra no Brasil.

No romance *Um defeito de cor* era óbvio que a carta de alforria, pela qual os escravos batalhavam duramente não era a solução de todos os problemas inerentes a sua condição social, uma vez que, continuavam sendo perseguidos e maltratados, sendo consideradas sempre sob suspeita, como depois da Revolta dos Malês em 1835, na Bahia.

Esta discriminação perdura até hoje, porém de outra forma, quando observamos que, por exemplo, em *Becos de memória*, das meninas negras que moram na favela, poucas têm acesso a um ensino regular e raras vezes passam da quarta série, sendo desta forma predestinadas ao trabalho de empregada doméstica nas casas das famílias ricas.

A liberdade dos escravos aconteceu em 1888, a desigualdade social fazia muitas pessoas refém até um passado recente, quando por meio de diversos programas sociais e educacionais foi diminuindo aos poucos. O Brasil tendo abolido a escravatura há mais de 120 anos ainda está dividido entre aqueles que são servidos e outros que devem servir durante a vida inteira aos outros. E os que são predestinados a servir são na sua grande maioria os descendentes dos escravos afro-brasileiros, mas não exclusivamente. Portanto, os romances escritos na primeira década do século XXI possuem uma atualidade desconcertante nas discussões polêmicas nos dias de hoje sobre cotas raciais, subsídios governamentais entre outros.

## Referências:

ARRUDA, A. A. A errância diaspórica como paródia da procura In **Ponciá Vicêncio**, de Conceição Evaristo e *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. (s.d.) Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafr/data1/autores/43/conceicaocritica03.pdf>>. Acesso em 15/01/2016.

ARRUDA, A. A. **Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**: um Bildungsroman feminino e negro. Dissertação de mestrado em Estudos Literários, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BERND, Z. Em busca dos rastros perdidos da memória ancestral: um estudo de *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, no. 40, 2012, p. 29-42. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n40/a03n40.pdf>, Acesso em 15/01/2016.

CAMPOS CUNHA, M. C.; DUARTE, E. de A. “Conceição Evaristo”. In: DUARTE, E. de A. **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, p. 207-226, 2011.



DUARTE, E. de A. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, v. 4, 2011, p. 375-403.

DUARTE, E. de A. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, n. 23, 2010, p. 113-138

EVARISTO, C. **Becos de memória**, Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

EVARISTO, C. Memória e escrevivência – Parte I. In: Alexandre, Marcos Antonio (org): **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces, Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições Ltda., 2003

FONSECA, M. N. S. Posfácio. In: Conceição Evaristo: **Becos de memória**, Florianópolis: Editora Mulheres, 2013, p. 257-266.

GONÇALVES, A. M. **Um defeito de cor**, Rio de Janeiro: Record, 2006.

OLIVEIRA, L. H. "Escrevivência" em Becos de memória, de Conceição Evaristo. In. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(2): 344, 2009, p. 621-623.

ROCHA, P. de F. O discurso da memória e a identidade feminina na literatura afro-brasileira. In: **Entrelinhas**, São Leopoldo, vol. 5, n.1, 2011, p. 54-61.